

# ASPECTOS RETÓRICOS NO DISCURSO DE FILETAS NO ROMANCE GREGO *DÁFNIS E CLOÉ*

Profa. Me. Elisa C. Brandão de Carvalho (UERJ)

## RESUMO:

Este trabalho tem como *corpus* a obra *Dáfnis e Cloé* de autoria de Longo Sofista,  
**Palavras-chave:** 1. Retórica. 2. Discurso. 3. *Logos*,

## 1. Introdução

A obra intitulada *Dáfnis e Cloé* é composta de um prólogo e quatro livros, que conta a história de Dáfnis e Cloé, duas crianças abandonadas pelos pais e criadas por pastores, em Lesbos, e que aos poucos se apaixonam um pelo outro e finalmente se casam. O romance é, também, considerado um idílio bucólico em prosa, adaptado dentro da estrutura do romance grego de viagem, o que faz com que se distancie das características mais tradicionais dos outros romances de viagem existentes, primeiro pelo fato do ambiente ser rústico e campesino, no qual se desenrola toda a trama, o que evidencia a estreita relação com a lírica bucólica de Teócrito. Outro traço marcante na obra de Longo são as descrições detalhadas - *εκφράσις* – das paisagens, dos jardins, dos hábitos do campo, das alterações das estações e principalmente a descrição sutil e refinada da evolução e da transformação das personagens. Este recurso é usado por Longo durante todo o seu romance, a fim de que o leitor, através da leitura da obra, possa visualizar e se transportar para aquele lugar de tantos encantos e aventuras.

A linguagem utilizada é bastante rítmica, o uso de aliterações, assonâncias e gradações é bastante utilizado, não só como objetivo de imprimir um tom poético, refinado e harmonioso à obra, mas também passar toda aquela beleza natural e sonora existente naquele ambiente – o campo.

Nota-se, então, que o maior objetivo de Longo não é apenas “descrever” aquele espetáculo, mas passar com grande veemência todas as sutilezas daquela maravilhosa “obra de arte”, ou seja, ele deseja representar (*μιμεισθαί*) através da escrita toda a realidade vista e ouvida por ele naquele momento.

Assim, pretendemos analisar um fragmento da obra *Dáfnis e Cloé* pela ótica da construção do discurso na *Retórica* de Aristóteles. No entanto, apesar do texto original estar em língua grega antiga, mais especificamente o grego *koiné*, o que dificulta reconhecermos a maneira como os gregos pronunciavam um discurso, tentaremos através do texto escrito e traduzido do original, analisar o discurso pronunciado pelo pastor Filetas para o casal protagonista da narrativa, Dáfnis e Cloé, que acontece no Livro II da obra *Dáfnis e Cloé*.

Este fragmento é o discurso de Filetas sobre a figura do deus Eros e sobre o Amor, já que o casal, no Livro I, passa por situações que geram um questionamento – **O que é o Amor?** –, este é o gancho para todo o desenvolvimento do argumento elaborado pelo velho Filetas. No início da trama, tanto Dáfnis quanto Cloé passarão por situações e sensações, as quais não sabem o que é e por que essas coisas aconteciam com eles. Por isso, o autor da narrativa traz para cena o velho pastor Filetas, que vai responder ao casal, de maneira bastante didática, o seu questionamento.

Antes da análise do discurso propriamente dito, faremos um breve comentário sobre a Natureza da Retórica e o seu desenvolvimento em Aristóteles.

## 2. A Natureza da Retórica

Um dos principais interesses dos gregos era a retórica. Tal fato deve-se primeiramente à importância da oralidade na sociedade grega. O grego precisava falar bem em seu dia-a-dia para convencer o seu público, exercendo assim plenamente a sua cidadania. A própria literatura grega, tal como possuímos hoje, tinha uma origem oral, o que se torna nestes diferentes gêneros. Devido ao papel exercido pela oralidade e pela persuasão mais evidente se examinarmos os diferentes gêneros literários. A poesia dramática era feita para ser declamada ou cantada. A própria filosofia talvez tenha tido sua origem em máximas populares e cosmologias transmitidas oralmente, isto sem falar na oratória, que evidentemente encontrava seu ápice na expressão oral diante de um público.

Mesmo em sua expressão escrita toda esta literatura deriva muito de seu vigor, de seus aspectos orais. Na poesia lírica, por exemplo, isto é particularmente evidente nas diferentes preces e exortações que encontramos na obra de poetas como Safo e Calino. Quando lemos hoje as tragédias ou comédias áticas, é inevitável imaginar como seriam estas obras na encenação propriamente dita, e através da compreensão dos problemas da encenação aprofundamos bastante o entendimento da obra escrita. Na verdade, a retórica está sempre ligada à persuasão, a qual está presente nestes diferentes gêneros. Devido

ao papel exercido pela oralidade e pela persuasão na sociedade grega, papel este que se reflete na própria literatura, é natural que a retórica assumisse grande relevo na educação dos gregos e, posteriormente, dos romanos. O aprendizado do bem falar para persuadir era bastante extenso e tinha grande utilidade.

Dentro deste contexto é importante analisar a palavra grega para discurso: *logos*. Tal palavra tem uma vasta gama de significados, assumindo às vezes até uma conotação mística. Na verdade, *lógos* tem dentro do grego uma tríplice significação principal, significando palavra, vocábulo, daí aglomerado de palavras, discurso, e finalmente conteúdo do discurso, raciocínio. É este último significado que assume o valor filosófico, motivando a tradução feita por Cícero, da palavra *lógos* como *ratio*. Há uma famosa passagem de Isócrates (*Nícoles* 5ss, reproduzido em *Antiodosis* 253ss) que assinala o *logos* como um conceito básico da civilização humana, já que distingue os homens dos animais.

Segundo a teoria tradicional a retórica é dividida em cinco partes. A primeira é a **heúresis** ou **inuentio** e trata do conteúdo dos discursos. Aí se encontra a tradicional divisão aristotélica dos discursos em três gêneros: o judiciário ou forense formado de discursos empregados em causas jurídicas perante tribunais, o deliberativo, formado de discursos sobre causas políticas enunciados perante assembleias, e o **epidíctico** ou demonstrativo, formado de discursos sobre questões gerais enunciados perante um público não específico. Na verdade, o gênero **epidíctico** veio englobar todos os discursos que não encontravam lugar nem no gênero deliberativo nem no judiciário. A segunda parte da retórica é a **táxis**, a qual trata da organização das diferentes partes de um discurso. As divisões básicas dos discursos são geralmente a introdução ou proêmio (**prooímion**), a narração (**diégesis**), a prova (**pístis**) e o epílogo ou conclusão (**epílogos**). A terceira parte da retórica é a **léxis** ou **elocutio**, a qual trata do estilo do discurso. A quarta parte é a memória (**mnéme**), a qual trata de expedientes mnemônicos para a memorização do discurso. A quinta parte é a **hypókrisis** ou **actio**, que trata do desempenho do orador durante a enunciação do discurso, entrando aí, entre outras coisas, o estudo da modulação da voz e da gesticulação.

### 3. O Desenvolvimento da Retórica de Aristóteles

Mesmo em uma primeira leitura da *Retórica* de Aristóteles notam-se inconsistências na ordenação dos assuntos e repetições. Para explicá-las os eruditos modernos têm elaborado teorias acerca da ordem em que foram escritos os diferentes livros da *Retórica*. Nesta questão Kennedy aceita as teorias de Friedrich Solmsen, que é substancialmente um desenvolvimento das teorias de A. Kantelhardt e de Werner Jaeger.

Segundo esta teoria há uma evolução nas teorias de Aristóteles sobre a retórica. Em um diálogo juvenil, intitulado *Gryllus*, Aristóteles defende as teorias de Platão acerca da retórica, desvalorizando-a em sua própria essência. Em seguida o Estagirita escreveu um tratado sobre retórica que se encontra contido no que hoje conhecemos como os livros I e II da *Retórica*. Neste tratado de Aristóteles desenvolve o estudo do entimema.

A *Retórica* é o resultado de três etapas posteriores. Em uma primeira etapa Aristóteles aplica ao estudo da retórica sua teoria acerca da lógica, incluindo aí a caracterização do entimema. Em segundo lugar, seguindo a sugestão de Platão exposta no *Fedro*, ele adiciona à argumentação lógica a psicologia, a fim de obter uma persuasão mais eficaz. Finalmente, em terceiro lugar, aproximando-se mais da teoria retórica antiga, ele estuda o estilo das partes do discurso.

Aristóteles distinguiu ainda três tipos de oratória: a judiciária, a deliberativa e a epidíctica. Esta distinção foi feita em primeiro lugar pelo Estagirita, já que os tratadistas a ele anteriores ocupavam-se apenas com a oratória judiciária. Tal divisão tornou-se posteriormente tradicional, apesar de ser ligeiramente questionada por autores posteriores como Cícero e Quintiliano. Os eruditos modernos questionam, sobretudo os critérios usados pelos filósofos para esta classificação, critérios estes que vão desde o tipo de ouvinte até o conteúdo. Mesmo discursos daquela época não se deixam classificar facilmente em um ou outro dos três tipos.

#### 3.1 O Terceiro Livro da Retórica de Aristóteles

O terceiro livro da *Retórica* trata do estilo e das partes do discurso. Algumas inconsistências dentro deste livro levaram Solmsen a aventar a hipótese de que o livro terceiro e a mistura de dois tratados aristotélicos sobre o estilo, ligados cada um a uma versão mais primitiva e a uma mais recente dos dois primeiros livros.

Os capítulos 5, 6 e 7 formariam um destes tratados sobre o estilo. Nestes capítulos são discutidas as virtudes do estilo. Quando Aristóteles fala da “pureza” do estilo no capítulo 5 utiliza o termo *helleníxein*, mas na verdade o tema deste capítulo é a “clareza” do estilo, que já tinha sido discutida no capítulo 2. O

capítulo 2, aliás, relaciona-se ainda com estes três capítulos por varias repetições. Poder-se-ia objetar que os capítulos 5, 6 e 7 são um aprofundamento dos temas tratados no capítulo 2, mas há diferenças de objetivo, conteúdo e espírito entre os dois tratamentos. A diferença básica é que os capítulos 5, 6 e 7 fazem parte da tradição sofística, enquanto que o capítulo 2 relaciona-se com a *Arte Poética*, obra à qual são feitas inúmeras referências.

Os capítulos 8-12 relacionam-se diretamente com os capítulos 1-4, e a teoria da metáfora exposta nestes últimos deve ser conservada na mente ao longo de toda a leitura. No capítulo 8 Aristóteles fala dos ritmos na prosa e faz referência à preferência de Trasímaco pelo peã. O tratamento dos ritmos na prosa foi bastante amplificado por autores posteriores como Cícero e Quintiliano.

O capítulo 9 trata do período. Como a discussão do período segue aquela sobre o ritmo, é provável que Aristóteles quisesse que ambas fossem encaradas como um conjunto.

Nos capítulos 10 e 11 Aristóteles trata das figuras de linguagem, as quais são todas designadas como metáforas. Embora o tratamento deste tema tenha sido enormemente amplificado pelos retóricos posteriores, nenhum deles compartilha com Aristóteles a sua visão filosófica da metáfora, segundo a metáfora excita a nossa inteligência ao exigir um esforço de compreensão, produzindo, por conseguinte, prazer. Tal visão é tipicamente aristotélica.

O capítulo 12 trata da variação estilística. O estilo do discurso deve variar segundo o seu gênero e o contexto em que é proferido. Também este tema foi o mais desenvolvido posteriormente.

Nos capítulos 13-18 Aristóteles trata da organização das partes dentro do discurso. Trata-se da parte menos original da *Retórica*, onde Aristóteles mostra sua impaciência com algumas das regras da retórica sofística.

Se contemplarmos em seu conjunto toda tradição retórica em seus primeiros cento e cinquenta anos, constatamos que a *Arte Retórica* de Aristóteles se destaca nitidamente de todos os outros tratados. Isto acontece não só por ser o mais rico nem por ter exercido a influência mais duradoura, mas, sobretudo porque Aristóteles é imparcial em seu tratamento. Ele não procura glorificar a retórica, mas sim mostrá-la como ela é, reconhecendo sua utilidade, mas advertindo contra seus perigos. Ninguém aprenderia a proferir discursos só por ler a *Retórica*, mas um orador bem treinado certamente tiraria muito proveito do livro.

### 3.2. Sobre o Discurso na *Retórica* de Aristóteles

Aristóteles diz que discurso consta de três componentes: **o orador** (o que fala); **o assunto** (aquilo que se fala); **o auditório** (aquele a quem se fala)(ARISTOTE.*Rhétorique* I, 3, 1358 a 37-40).

O linguista francês Émile Benveniste atesta que a narração discursiva é “toda a enunciação que supõe um locutor e um receptor, tendo o primeiro a intenção de influenciar o outro seja de que modo for” (BENVENISTE, s/ d, p. 23).

Na verdade, o enunciador (no caso o orador), através de suas palavras, quer influenciar o seu auditório, de modo que compartilhem das mesmas opiniões.

No Livro II, Aristóteles destaca que, utiliza-se os discursos persuasivos para provocar um juízo / julgamento nos seguintes casos:

a) Quando se usa o discurso destinado a um só ouvinte para aconselhar ou desaconselhar ou para repreendê-lo ou incitá-lo a decidir-se sobre algo. Esse único ouvinte é considerado um juiz, já que o indivíduo, que se pretende persuadir, é um verdadeiro juiz;

b) Quando se fala contra um adversário ou se combate uma determinada tese. Neste último caso, usa-se o discurso para refutar os argumentos contrários;

c) Quando se usa o discurso para elogiar ou censurar. O discurso dirigido a esse ouvinte possui a mesma importância que se fosse dirigido ao juiz (ARISTOTE.*Rhétorique* II, 18, 1391 b 7-26).

Aristóteles enumera as qualificações que o orador deve possuir a fim de que sua mensagem convença o público: **phrónesis** (*sensatez, prudência*), **areté**(*virtude*)e **eúnoia** (*boa vontade, benevolência*). O orador que tem o **êthos**, o caráter formado por estas três qualidades possui a confiança do ouvinte (ARISTOTE.*Rhétorique* II, 1, 1378 a 6-19).

Além do mais, o orador deve ter a capacidade de despertar paixões, diga-se, **páthe**em seus ouvintes. As paixões são “os meios pelos quais se fazem mudar os homens nos seus juízos e que têm por consequência o prazer e a dor como, por exemplo, a cólera, a compaixão, o temor e todas as outras paixões semelhantes e aquelas que são contrárias” (ARISTOTE.*Rhétorique* II, 1, 1378 a 20-22).

O Livro III (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 14-19) trata a respeito das diferentes partes do discurso, *peritáxeos* (capítulos 1-12) e também a respeito do estilo, *periléxeos* (capítulos 13-19).

Divisão aristotélica das partes de um discurso:

- **Proêmio** (*tòprooímion*) – é o início do discurso (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 14, 1414 b 19);
- **Desenvolvimento**- que compreendia: **narração** (*hediégesis*) - parte objetiva da exposição e apresentação dos acontecimentos (*tòprâgma*) (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 16, 1416 b, 17-20) e **demonstração** (*heapódeixis*) – o autor faz uma apreciação das provas (*písteis*) que possui, sejam elas técnicas ou extra-técnicas (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 17, 1417b 21-34).
- **Epílogo** (*ho epílogos*) – O epílogo compõe-se de quatro partes: **a)** dispor o ouvinte em favor de si mesmo; **b)** amplificar ou atenuar o que foi dito; **c)** excitar emoções no ouvinte; **d)** fazer recapitulações de seu discurso (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 19, 1419 b 10-19).

Luiz Rohden destaca que “o epílogo tem, essencialmente, dupla finalidade: “refrescar” a memória e influenciar nos afetos” (ROHDEN, 1997, p. 126).

O princípio de falar em grego possui cinco condições conforme sublinha Aristóteles: 1) empregar as conjunções de modo adequado nas frases, fazendo com que não fique um espaço muito grande entre duas proposições ou nomes; 2) deve-se utilizar os nomes próprios ao invés de perifrases; 3) não fazer uso de termos ambíguos; 4) fazer a distinção dos gêneros nominais: masculino, feminino e neutro; 5) nomear os números gramaticais (ARISTOTE. **Rhétorique** III, 5, 1407 a 20-39; 1407 b 1-10).

O discurso deve ser apropriado e claro, sem ser vulgar, e é, justamente, a utilização adequada dos nomes e dos verbos que faz a clareza do estilo (ARISTOTE. **Rhétorique** III, 2, 1404 b 1-7).

#### 4 . Tradução

##### Livro II – 7

Ao escutarem uma lenda, não um relato histórico, eles ficaram extasiados e procuraram saber quem é então este Eros, qual dos dois: uma criança ou algum pássaro, e que poder (ele) tem? Novamente então, Filetas disse: “É um deus, ó crianças, este Eros (é) jovem, belo e alado”. Por causa disso gosta da juventude, busca a beleza e encoraja as almas. 2- Nem Zeus é assim tão poderoso. Por um lado reina sobre o universo, por outro lado reina sobre os astros e reina sobre os deuses seus semelhantes. Nem vocês têm tanto poder sobre suas cabras e suas ovelhas. 3- Todas as flores são obras de Eros, estas plantas aqui são suas criações. Graças a ele os rios correm e os ventos sopram. 4-Eu conheci um touro enamorado, e como se tivesse sido ferido por um moscardo mugia. E um bode que amava uma cabra, e a seguia por todos os lugares. Eu mesmo (quando) era jovem amei Amarílis, e não me lembrava do alimento, nem levava à boca a bebida, nem pegava no sono. 5-Sofria minha alma, meu coração palpitava, meu corpo gelava. Gritava como se estivesse me batendo, me jogava no rio como se estivesse queimando. 6-Chamava Pã em socorro, pois ele mesmo esteve apaixonado por Pítis; agradecia a Eco ao chamar o nome de Amarílis depois de mim, quebrava as siringes, pois por um lado atraía minhas vacas, por outro lado não trazia Amarílis. 7-Pois contra Eros não há remédio, nem que se beba, nem que se coma, nem em se cantando o hino, senão um beijo, um abraço e se deitando juntos com os corpos nus.

#### 5. Análise

O velho Filetas com sua sabedoria adquirida através das experiências vividas (empeiria), de maneira pura e simples, porém com grande eloquência, será o preceptor dos dois jovens nos mistérios do amor. É por isso que o seu discurso terá um tom didático e dignificante de um rústico mestre, envolvendo uma prática amorosa, porém limitada aos tabus sociais, já que ainda existe uma preocupação com o uso do corpo e com o limite das releções corporais entre os adolescentes. Assim, com sua simplicidade e experiência, começa a contar aquilo que para ele foi uma epifania (uma aparição divina) de um menino, branco como leite, loiro, travesso e inteiramente nu brincando em seu jardim. Filetas não conseguia de maneira alguma segurar o menino, tamanha era a sua astúcia e ligeireza. Cansado, o velho Filetas pediu a ele que viesse em seus braços jurando pelos mirtos que o deixaria partir, desde que lhe desse um beijo. Então, o menino deu gargalhadas e disse a Filetas que jamais lhe recusaria um beijo, pois ele desejava todos os beijos, e que não era uma criança, porém mais velho do que Cronos. Disse também que sempre esteve ao seu lado quando estava enamorado por Amarilis e que foi ele quem os uniu. E por fim, o menino disse a Filetas que naquele momento ele era pastor de Dáfnis e Cloé. É através da empeiria de Filetas, que o constitui como o sujeito do saber, que ele começa a contar aquilo que para ele foi uma epifania (uma aparição divina) de um menino, branco como leite, loiro, travesso e inteiramente nu, brincando em seu jardim. Dáfnis e Cloé são dois jovens pastores, que cresceram juntos no campo, eles aprendem também através da empeiria transmitida pelos seus pais adotivos, que também eram pastores.

Traçando este panorama espacial/temporal e delineando algumas características dos componentes do discurso– Filetas (**orador**), Dáfnis e Cloé (**o auditório**) e o questionamento O que é o

Amor? (**o assunto**) -, percebemos que mesmo que não saibamos como os gregos discursavam ou se expressavam entre si, como interagiam em um diálogo, todavia, estes podiam ser lidos em voz alta, com o orador diante de um auditório, caracterizando, assim, a presença da fala e, conseqüentemente, um enunciado, mesmo que a “oralidade” pudesse efetuar essa fala discursiva de diversas maneiras. Ao ler o texto grego, percebe-se que, uma sequência de palavras podia ser entendida como um discurso.

O linguista francês Émile Benveniste atesta que a narração discursiva é “toda a enunciação que supõe um locutor e um receptor, tendo o primeiro a intenção de influenciar o outro seja de que modo for” (BENVENISTE, s/ d, p. 23).

Na verdade, o enunciador (no caso o orador), através de suas palavras, quer influenciar o seu auditório, de modo que compartilhem das mesmas opiniões.

Passemos, então, a análise das partes do discurso de Filetas de acordo com a divisão aristotélica.

| PROÊMIO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | DESENVOLVIMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | EPÍLOGO                                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Novamente então, Filetas disse: “É um deus, ó crianças, este Eros (é) jovem, belo e alado”. Por causa disso gosta da juventude, busca a beleza e encoraja as almas. 2- Nem Zeus é assim tão poderoso. Por um lado reina sobre o universo, por outro lado reina sobre os astros e reina sobre os deuses seus semelhantes. Nem vocês têm tanto poder sobre suas cabras e suas ovelhas. 3- Todas as flores são obras de Eros, estas plantas aqui são suas criações. Graças a ele os rios correm e os ventos sopram. | <b>Narração</b> → 4-Eu conheci um touro enamorado, e como se tivesse sido ferido por um moscardo mugia. E um bode que amava uma cabra, e a seguia por todos os lugares.<br><b>Demonstração</b> → Eu mesmo (quando) era jovem amei Amarilis, e não me lembrava do alimento, nem levava à boca a bebida, nem pegava no sono. 5-Sofria minha alma, meu coração palpitava, meu corpo gelava. Gritava como se estivesse me batendo, me jogava no rio como se estivesse queimando. 6-Chamava Pã em socorro, pois ele mesmo esteve apaixonado por Pítis; agradecia a Eco ao chamar o nome de Amarilis depois de mim, quebrava as siringes, pois por um lado atraía minhas vacas, por outro lado não trazia Amarilis. | 7-Pois contra Eros não há remédio, nem que se beba, nem que se coma, nem em se cantando o hino, senão um beijo, um abraço e se deitando juntos com os corpos nus. |

Observa-se na divisão do quadro acima que o discurso inicia com uma **invocação** de Filetasque chama a atenção do casal utilizando o vocativo plural **ó crianças**, iniciando a sua explicação sobre o questionamento feito anteriormente por Dáfnis e Cloé – O que é o Amor? O uso do vocativo intensifica a importância do que será dito e, que o casal deverá prestar muita atenção no conteúdo do discurso, já que estão diante do mestre que ensinará a lição mais importante de suas vidas, o que caracteriza o ensinamento e a troca de experiências entre Filetas e o casal.

Nesta parte do discurso, Filetas utiliza as partículas (**δε ... μὲν**), traduzidas por “**por um lado ... por outro lado**”, para enfatizar o poder de Eros e também marcar a concomitância de ações. Este recurso de caráter oral e retórico é imprescindível na língua grega antiga para marcar uma pausa, um paralelismo, uma ênfase, uma oposição de ideias, o equilíbrio das ações, porém nas traduções são descartadas por tornarem o texto pesado e prolixo (no entanto, fiz questão de traduzi-las, justamente para não perder essa característica tão marcante e peculiar dos textos antigos e, também, pelo próprio estilo do autor que busca sempre o equilíbrio entre os personagens e a natureza que os cerca).

Em seguida, temos a parte do **desenvolvimento** do discurso quando Filetas revela que já fizera os mesmos questionamentos e tivera as mesmas sensações e sofrimentos por causa do Amor.

Filetas é incisivo e enfático em seu discurso no **desenvolvimento**, classificada como **narração**, ele utiliza o pronome pessoal de 1ª pessoa eu; esta parte é bem objetiva, pois expõe os fatos e acontecimentos que ele presenciou (o touro enamorado e o bode que amava uma cabra) e, a expressão eu mesmo, dá início a **demonstração**, onde ele prova que sabe do que está falando, já que ele, quando jovem também experimentou as mesmas sensações. Os pronomes possessivos de 1ª pessoa meu, minha reiteram a questão do discurso didático, da aquisição do saber através das experiências vividas (empeiria), assim como as comparações são feitas com animais comuns àquele ambiente campesino e as sensações são típicas de uma pessoa apaixonada que vive na simplicidade do campo.

E ao final, **o epílogo**, Filetas revela o ensinamento mais importante para o jovem casal apaixonado: para o Amor não existe nenhum remédio, utilizando a conjunção explicativa **pois**, o advérbio

de negação **não**, seguida de uma sucessão de negações **nem**, para enfatizar a o poder que o Amor exerce nas pessoas apaixonadas.

É desta forma então, que o mestre Filetas passa os seus conhecimentos àqueles dois jovens, que até então desconheciam o poder de Eros. Daí por diante, os dois, agora conhecedores do deus do amor, passam a entender que tudo aquilo que estavam sentindo, todas as sensações, as quais não sabiam explicar, era obras do deus do Amor, Eros, cujo poder era maior do que o de Zeus, pois não havia remédiopara os males causados por essa “criancinha” alada e travessa, mas sim o beijo, o abraço e o deitar-se juntos com os corpos nus.

Neste parágrafo é necessário ressaltar a oposição entre lenda (μυθος) e relato histórico (λογος), este requer um raciocínio lógico e um saber científico - **o saberepistemológico**, enquanto aquele é a história pura e simples, sem ser científica, e está diretamente ligado à cultura popular e as experiências adquiridas ao longo da vida - **a empeiria**. Assim, Longo coloca-os em oposição, para enfatizar a questão de que naquele ambiente campesino, rústico e simples, as pessoas cultuavam os seus mitos e as suas lendas e as transformavam em deuses. E além do mais, quem conta o μυθος é um velho pastor.

Como escreveu Aristóteles - O discurso deve ser apropriado e claro, sem ser vulgar, e é, justamente, a utilização adequada dos nomes e dos verbos que faz a clareza do estilo. – Longo o faz através do velho pastor Filetas, que traz na raiz do seu nome o verbo **philéw** – o amor fraterno, o amor do amigo -, ele é o grande amigo de Dáfnis e Cloé, que traz em sua fala a experiência e sabedoria. Filetas é o verdadeiro orador que tem o êthos, na ótica de Aristóteles, pois possui a sensatez e a prudência adquiridas pela vida, a virtude da palavra sincera dignas de um mestre e a benevolência de ensinar aquilo que ele aprendeu.

## 6. Bibliografia

- ARISTOTE. *Rhétorique*. Texteétabliettraduit par MédéricDufour. Paris: Les Belles Lettres, 1967, Tome Premier.
- \_\_\_\_\_. *Rhétorique*. Texte établi et traduit par Médéric Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1967, Tome Deuxième.
- \_\_\_\_\_. *Rhétorique*. Texte établi et traduit par Médéric Dufour e André Wartelle. Paris: Les Belles Lettres, 1973, Tome Troisième.
- \_\_\_\_\_. *Poétique*. Texte établi et traduit par J. Hardy. Paris: Les Belles Lettres, 1979.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s / d.
- ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*.Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAYLLE, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. Revista por L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.
- BENVENISTE, Émile. *O Homem na Linguagem*. Tradução de Isabel Maria Lucas Pascoal. Lisboa: Vega, s/d.
- CARVALHO, Elisa Costa Brandão de. *O Romance Pastorais - Dáfnis e Cloé: a influência das estações do ano no significado da obra*. Dissertação de Mestrado. UFRJ/ Faculdade de Letras, 1998.
- DUMONT, Jean-Paul. *A filosofia antiga*. Lisboa, Ed.70, 1981.
- KENNEDY, George. *The Art of Persuasion in Greece*.Princeton, Princeton University Press, 1963.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1967.
- LONGUS. *Pastorales (DaphnisetChloé)*. Tradução: Jean René Vieillefond. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- MORA, José F. *Dicionário de filosofia*. Lisboa, Dom Quixote,1978.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol I. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1993.
- PERELMAN Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o Discurso e o Excesso de Significação*. Tradução de Artur Morão. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Rio de Janeiro: Edições 70, s.d.
- ROHDEN, Luiz. *O Poder da Linguagem – A Arte Retórica de Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. São Paulo, Difel, 1984.